

RICARDO REIS E OMAR KHAYYAM: A PRESENÇA DO RUBA'İYAT NAS ODES DO HETERÔNIMO PESSOANO

Márcia Manir Miguel Feitosa**

RESUMO: Este artigo propõe um estudo detalhado dos pontos de aproximação entre a poesia do poeta persa Omar Khayyām, no seu livro intitulado *Ruba'iyat* e as odes do heterônimo neoclássico Ricardo Reis, no que tange à manifestação do orientalismo na produção poética pessoana. As ligações e as influências entre estes elementos díspares demonstram uma coerência cultural intensa e característica.

PALAVRAS-CHAVE: Orientalismo. Poesia. *Leitmotiv*.

RICARDO REIS AND OMAR KHAYYAM: THE PRESENCE OF THE RUBA'İYAT IN THE HETERONYMOUS POEMS BY FERNANDO PESSOA

ABSTRACT: This work is about the study of the approximation points between the Persian poet Omar Khayyām's poetry in his book entitled *Ruba'iyat* and the neoclassical heteronymous Ricardo Reis' odes, concerning the manifestation of the orientalism on Pessoa's poetic production. The relations and characteristics of this poetic production have a remarkable and strong meaning.

KEY WORDS: Orientalism. Poetry. *Leitmotiv*.

* Professora Doutora em Literatura Portuguesa pela USP; Professora Associada II da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

E-mail: marciamanir@terra.com.br

Recebido em: 21/07/2008

Avaliado em: 18/08/2008

INTRODUÇÃO

Fernando Pessoa possui uma vereda poética persa. Essa constatação já foi demonstrada, ou pelo menos suscitada, por renomados teóricos, dentre eles Alexandrino Severino que apresentou, no I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, realizado no Porto, em 1978, um poema publicado na revista *Contemporânea* e escrito pelo ortônimo, nos moldes do *ruba'i* persa; Maria Aliete Galhoz que descortinou, no espólio do fundo Pessoa da Biblioteca Nacional, mais de quinze *ruba'iyat* de autoria do ortônimo e Maria Helena Nery Garcez que, no livro *O tabuleiro antigo: uma leitura do heterônimo Ricardo Reis*, publicado em 1990, nos surpreendeu ao aproximar as odes de Ricardo Reis da produção poética de Omar Khayyam.

Para além desses estudos, desenvolvemos a tese “O orientalismo na poesia de Fernando Pessoa: presença de Omar Khayyam” que, defendida em 1997, na Universidade de São Paulo, foi publicada em 1998 com o título: *Fernando Pessoa e Omar Khayyam: o Ruba'iyat na poesia portuguesa do século XX*, alargando os pontos de contato entre a poesia produzida no século XII e a marcadamente moderna, engendrada no século XX.

O objetivo desse artigo é ressaltar uma das facetas da poesia pessoana, mais particularmente a de Ricardo Reis, no que concerne de modo especial à sua inter-relação com o *ruba'i* de Khayyam, tanto do ponto de vista formal, quanto, e sobretudo, do ponto de vista do conteúdo. Para tanto, serão utilizadas odes do heterônimo pessoano publicadas pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda no volume *Edição Crítica de Fernando Pessoa: poemas de Ricardo Reis*, de 1994 e a edição de 1910 do *Ruba'iyat*, traduzida para o inglês pelo escritor e tradutor vitoriano Edward Fitzgerald que se notabilizou pela refinada tradução que fez do único livro de poemas escrito por Omar Khayyam, célebre matemático e astrônomo persa.

O OLHAR DE KHAYYAM REFLETINDO EM RICARDO REIS

Já é de senso comum evidenciar, na poesia de Ricardo Reis (1994), *leitmotifs* como a fugacidade e a efemeridade do tempo; a inexorabilidade do destino; a apologia do prazer, especialmente do vinho; a certeza da impotência do homem diante da ação implacável do Fado; a inevitabilidade da morte.

Omar Khayyam (1910), enquanto adepto da filosofia mística do Sufismo, a do misticismo ascético¹, apresenta como características em sua poesia o desaparecimento das concepções antitéticas do bem e do mal, do vício e da virtude; a atribuição das responsabilidades pelas perfeições e imperfeições humanas ao Criador; o vinho como ideal poético e fundamento da vida; a indiscutível certeza da fragilidade humana; a recorrência ao símbolo do pássaro da alma por meio do rouxinol e da rosa.

No que diz respeito mais particularmente à composição dos chamados *rubai'yat* (plural de *rubai'i*), essa forma poética árabe em quadras foi essencialmente praticada por Omar Khayyam (1910) que compôs quadras com concisão e presença de espírito, adotando o esquema rimático em AABA, exitosamente preservado na tradução para o inglês por Edward Fitzgerald.

O *rubai'i* em si mesmo constitui uma célula independente que, ao se juntar às outras, colaboram para a interpretação orgânica do livro. Justifica-se o esquema rimático em função da presença de um verso branco que se justapõe aos demais, estabelecendo um curioso contraste com os outros três.

Do ponto de vista da forma, o que salta aos olhos é a discrepância formal, na medida em que Khayyam privilegia o *rubai'i*, uma das formas poéticas persas, ao passo que Ricardo Reis, ao remontar à antigüidade clássica, nutre-se da ode horaciana, ainda que a reinterprete, como acentua Maria da Conceição Hackler (1985, p. 128):

Sua vertente horaciana encontra uma solução formal muito diversa, a exemplo da contenção verbal de suas odes, predominantemente curtas, e a sua solução final dos grandes temas horacianos radicalmente diversa do seu inspirador. Refiro-me, nesse último caso, à tendência à generalização e à abstração em Reis, em oposição à lição horaciana das imagens e situações concretas.

Paralelamente a isso, evidenciamos uma relativa extensão de suas odes a quem Elêusis Mírian Camocardi atribui às próprias características do eu-lírico do poeta, envolto em seu “drama da existência”:

¹ Para compreender melhor o Sufismo e o posicionamento filosófico-religioso de Omar Khayyam, consultar o livro Fernando Pessoa e Omar Khayyam: O Ruba'iyat na poesia portuguesa do século XX, de nossa autoria, publicada pela Editora Giordano, em 1998.

[...] sentindo-se oprimido, limitado pelo Fado, lança versos longos mas combina-os com versos de menor extensão, numa estrutura afunilada, como a caracterizar as fases da existência: o ser nasce, é pressionado pelo tempo e pelo espaço e morre – desde o nascimento é já um ser preparado para o fim. (CAMOCARDI, 1990, p. 167)

Não obstante o distanciamento entre a elaboração formal de Khayyam (1910) e a de Reis (1994), consideramos pertinente esse confronto, haja vista que acreditamos que o epicurismo de Reis não advém somente da tradição greco-latina, mas passa pela produção poética de Khayyam.

Logo, o cotejo entre os dois poetas perpassa o nível dos *leitmotifs*, visto que comungam de idéias e pensamentos dignos de ressalva, a começar pelo refúgio no vinho diante da ação implacável do tempo que a tudo consome. Para ambos, esse refúgio se traduz na possibilidade do não-questionamento da ação inexplicável do destino.

Dentre os poemas que melhor representam esse comportamento está o de nº 200, de Reis (1910), da Edição Crítica organizada por Luiz Fagundes Duarte e o de nº LXXX, de Khayyam (1910), referente à 2ª edição do *Ruba'iyat*.

[200] Sem clepsidra ou relógio o tempo escorre
 E nós com ele, nada o árbitro escravo
 Pode contra o destino
 Nem contra os deuses o mortal desejo.
 Hoje, quais servos com ausentes deuses,
 Na alheia casa, um dia sem o juiz,
 Bebamos e comamos.
 Será amanhã o que aconteça.
 Tombai mancebos, o vinho em nobre taça
 E o braço nu com que o entornais fique
 No lembrando olhar
 Como uma água que parece vinho!
 Sim, heróis somos todos amanhã.
 Hoje adieemos. E na erguida taça
 O roxo vinho espelhe
 Depois – porque a noite nunca falta. (PESSOA, 1994, p. 189-190)

(LXXIII) Yesterday This Day's Madness did prepare:
To-morrow's Silence, Triumph, or Despair:
Drink! for you know not whence you came, nor why:
Drink! for you know not why you go, nor where. (KHAYYAM, 1910, p. 95)

O Ontem já preparou este Hoje de Loucura:
O Amanhã é Silêncio, Triunfo ou Desespero:
Bebel! pois não sabes de onde vem, nem por que:
Bebel! pois não sabes por que vais e nem para onde. (tradução nossa)

Outro *leitmotiv* recorrente em Khayyam e em Reis diz respeito à certeza da impotência do homem diante da força inelutável do Fado. Para o heterônimo pessoano, muitas vezes, a única saída é a renúncia, “oriunda da sabedoria, que vem (não só) das lições dos mestres da Antigüidade” (GOMES, 1987, p. 28), como também de Khayyam, de cuja obra Fernando Pessoa, de certo modo, tomou conhecimento. Já para o poeta persa, em algumas *ruba'iyat*, se encontra iminente certo ar de revolta e inconformismo, ao passo que em outras, não obstante a tentativa de resignação, submerge uma dor penetrante. Interligada de modo irremediável ao decurso do tempo, subjaz a concepção da morte.

Consideremos, para fins de exemplificação, a ode 95 da *Edição Crítica* e a *rubai'iyat* de nº XXXI da 1ª edição:

[95] Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,
E deseja o destino que deseja;
Nem cumpre o que deseja,
Nem deseja o que cumpre.
Como as pedras na orla dos canteiros
O Fado nos dispõe, e ali ficamos;
Que a Sorte nos fez postos
Onde houvemos de sê-lo.
Não tenhamos melhor conhecimento
Do que nos coube que de que nos coube.
Cumpramos o que somos.
Nada mais nos é dado. (PESSOA, 1994, p. 145-146)

(XXI) *Up, from Earth's Centre through the Seventh Gate,*
 I rose, and on the Throne of Saturn sate,
 And many Knots unravel'd by the Road;
But not the Knot of Human Death and Fate. (KHAYYAM, 1910, p. 32)

Acima, do Centro da Terra através do Sétimo Portão,
 Eu subi, e atingi o Trono de Saturno,
 E muitos Nós desatei pela Estrada;
 Exceto o Nó da Morte Humana e do Fado. (tradução nossa)

Em face da inexorabilidade do Fado e da irreversibilidade da morte, paira em Khayyam, conforme já apontamos anteriormente, certo ar de revolta e de inconformismo, tal qual podemos identificar em determinadas odes de Reis, não só a nível temático, como a nível do tom. Seleccionamos, para o propósito desse artigo, o *ruba'i* LXXIII da 1ª edição que, tanto quanto a ode 45 de Reis, a ser transcrita a seguir, desencadeia a temática da resistência contra o poder do Fado que manipula a vida do homem e lhe impõe ditames pré-estabelecidos, com vistas a reforçar a imutabilidade dos fatos.

(LXXIII) *Ah! Love! Could thou and I with conspire*
 To grasp this sorry Scheme of Things entire,
 Would not we shatter it to bits – and then
Re-mould it nearer to the Heart's Desire! (KHAYYAM, 1910, p. 43)

Ah, Amor! Pudéssemos conspirar com o Fado
 Para que este Esquema deplorável das Coisas da Vida
 Nós o fragmentássemos em pedaços – e então
 Satisfaríamos o Desejo de nosso Coração! (tradução nossa)

[45] Da nossa semelhança com os deuses
 Por nosso bem tiremos
 Julgarmo-nos deidades exiladas
 E possuindo a Vida
 Por uma autoridade primitiva
 E coeva de Jove.
 Altivamente donos de nós-mesmos,

Usemos a existência
Como a villa que os deuses nos concedem
Para esquecer o estio.
Não de outra forma mais apoquentada
A existência indecisa e afluyente
Fatal do rio escuro.
Como acima dos deuses o Destino
É calmo e inexorável,
Acima de nós-mesmos construamos
Um fado voluntario
Que quando nos oprima nós sejamos
Esse que nos oprime,
E quando entremos pela noite dentro
Por nosso pé entremos. (PESSOA, 1994, p. 102-103)

Afora esses pontos de aproximação entre o *Ruba'iyat*, de Khayyam e o *Livro das Odes*, de Reis, cabe ainda relevarmos a referência em ambos os poetas à imagem da flor e, em especial, da rosa. Para Khayyam, a rosa, empregada com letra maiúscula, representa a beleza perfeita, ainda que sujeita ao fenecimento. Segundo o *Dicionário de símbolos*, a rosa é:

Famosa por sua beleza, sua forma e seu perfume, a rosa é a flor simbólica mais empregada no Ocidente. Corresponde, no conjunto, ao que o lótus é na Ásia, um e outro estando muito próximos do símbolo da roda. O aspecto mais geral deste simbolismo floral é o da manifestação, oriunda das águas primordiais, sobre as quais se eleva e desabrocha. Esse aspecto não é, aliás, estranho à Índia, onde a rosa cósmica **Triparasundari** serve de referência à beleza da Mãe divina. Designa uma perfeição acabada, uma realização sem defeito. Como se verá, ela simboliza a taça da vida, a alma, o coração, o amor. Pode-se contemplá-la como uma mandala e considerá-la como um centro místico. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995, p. 788)

Khayyam (1910), seguindo de perto a conotação simbólica atribuída pelo *Dicionário de símbolos*, enxerga na rosa também uma forma de fertilização da natureza, por disseminar seu perfume de amor no jardim efêmero da vida. Essa outra

forma de representação da rosa está bem ilustrada no *ruba'i* XV da 2ª edição:

(XV) *Look to the blowing Rose about us – “Lo,
Laughing”, she says, “into the world I blow:
At once the silken tassel of my Purse
Tear, and its Treasure on the Garden throw”.* (KHAYYAM, 1910, p. 78)

Olha para a Rosa que desabrocha – “Vê”,
Diz ela sorrindo, “no mundo onde floresço:
Rompo de imediato a borla sedosa de minha Bolsa
E espalho seu Tesouro no Jardim”. (tradução nossa)

Dentre as flores presentes nas odes de Reis, a rosa é a escolhida pelo poeta, tanto representando a efemeridade da vida, quanto a beleza e a perfeição, isto é, assume ares de negatividade e de positividade. Um exemplo disso é o emprego positivo da coroa de rosas, uma constante na poesia do heterônimo. O aparecimento da coroa de rosas suscitou o interesse de Maria Helena Nery Garcez no livro *O tabuleiro antigo*: uma leitura do heterônimo Ricardo Reis, uma vez que, para ela, “as flores”, em Ricardo Reis, “[...] mais do que (como) um consolo, funcionam como um sinal, suficiente para permitir o estabelecimento de um juízo de positividade acerca da vida.” (GARCEZ, 1990, p. 47). E a autora continua: “[...] elas contribuem para o concerto do mundo, ao serem uma forma de resistência ao desconcerto que é trazido pelo desgaste do tempo e pela mudança. São formas de luta.”

Duas odes ilustram, de modo significativo, esse caráter positivo da flor, aqui representada pela rosa; caráter esse que se destaca sob a sua aparente fugacidade. A recorrência ao presente do indicativo do verbo “basta” nas duas odes reflete a intenção do poeta em ser suficiente, em almejar a participação plena na ordem perfeita e eterna.

[9] Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas –
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tam cedo!

uma ordem concertada, dado seu caráter de alento em meio à triste certeza da efemeridade da vida.

O que procuramos ressaltar, durante a análise desse cotejo, foi o fato de que, para além da origem greco-latina do epicurismo presente nas odes de Reis, sua poesia também perpassa a de Omar Khayyam, pela série de motivos já destacados. Logo, existe um liame, um espaço de diálogo entre o poeta do Orpheu e o do *Rubai'yat* que reflete a pluralidade cultural do criador dos heterônimos. Necessário se faz, hoje, que o lado oriental de Pessoa seja contemplado no ocidente com olhos que possam enxergar para além da pura e conhecida dicotomia pensar x sentir, tão exaustivamente demonstrada pela crítica literária de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- CAMOCARDI, Elêsis Mirian. Neoclassicismo nas odes de Ricardo Reis. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 30, 1990.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- FEITOSA, Márcia Manir Miguel. *Fernando Pessoa e Omar Khayyam: o Rubai'yat na poesia portuguesa do século XX*. São Paulo: Giordano, 1998.
- GARCEZ, Maria Helena Nery. *O tabuleiro antigo: uma leitura do heterônimo Ricardo Reis*. São Paulo: EDUSP, 1990.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *Fernando Pessoa: as muitas águas de um rio*. São Paulo: Pioneira; EDUSP, 1987.
- HACKLER, Maria da Conceição. Horácio e Fernando Pessoa: o tempo, a poesia e a “áurea mediocritas”. In: MELLER, Vilson Brunel; PINTO, Sérgio de Castro (Orgs.) *Estudos críticos*. João Pessoa: Associação de Estudos Portugueses Hernâni Cidade; Universidade Federal da Paraíba, 1985.
- KHAYYAM, Omar. *Rubai'yat. Rendered into English verse by Edward Fitzgerald*. Leipzig: Bernhard Tauchnitz, 1910.
- REIS, Ricardo, Ed. *Edição crítica de Fernando Pessoa: poemas de Ricardo Reis*. Editor Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994. (Série Maior, v. 3).